

ARTE NA ESCOLA

Lugares que se ocupam entre o afeto e a resistência

ART AT SCHOOL

Places that are occupied between affection and resistance

177

Robson Rosseto

Universidade Estadual do Paraná - Unespar

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7905-9819>

Natália Eloísa Greca da Silva

Universidade Estadual do Paraná - Unespar

<https://orcid.org/0009-0009-9169-0804>

DOI: 10.21680/2595-4024.2025v8n1ID38946

RESUMO

Este trabalho visa apresentar, por meio de relato de experiência, a vivência de uma acadêmica em Licenciatura em Teatro em uma escola estadual do município de Colombo, na região metropolitana de Curitiba, no contexto do Programa de Residência Pedagógica, no ano de 2023. Dialogando com autores como Freire (2020) e Silva (2019), o trabalho propõe discutir como a disciplina de Arte nas escolas enfrenta camadas de resistência e destacar a importância do contato dos/as estudantes com expressões artísticas na formação de sua individualidade e, consequentemente, da coletividade. Além disso, introduz a discussão sobre temas relacionados à formação docente e à polivalência no ensino das artes, abordando como essa prática pode prejudicar o trabalho docente, e como o afeto pode ser um elemento crucial nesse processo educativo.

PALAVRAS-CHAVE: ensino da arte; polivalência; educação; resistência; acesso à cultura.

ABSTRACT

This work aims to present, through an account of personal experiences, the experiences of an academic in a Theater's degree at a state school in the city of Colombo, a metropolitan region of Curitiba, within the context of the Pedagogical Residency Program, in the year 2023.

Engaging with authors such as Freire (2020) and Silva (2019), this work proposes a discussion on how the subject of Arts in schools faces layers of resistance and

highlights the importance of students' contact with artistic expressions to the formation of their individuality and, consequently, of the collective.

Furthermore, it introduces the discussion on topics related to teacher training and versatility in arts teaching, addressing how this practice can harm teaching work, and how affection can be a crucial element in this educational process.

KEYWORDS: art teaching; versatility; education; resistance; access to culture.

Considerações iniciais

A relevância da disciplina de Arte nas escolas abrange diversas dimensões, especialmente quando vista sob a ótica de quem se forma em uma instituição pública, onde os desafios e potencialidades da educação se entrelaçam com as realidades sociais, culturais e econômicas de seus sujeitos. Essa formação não se limita ao domínio técnico ou metodológico, mas envolve a construção de uma sensibilidade crítica, que permite ao/a professor/a em formação compreender o papel transformador da arte no ambiente escolar. Em contextos muitas vezes marcados pela escassez de recursos e pela marginalização das disciplinas artísticas, a presença de educadores/as em processo de formação abre novas possibilidades de intervenção pedagógica. Ao adentrar a escola, eles/elas não apenas compartilham seus conhecimentos, mas também vivenciam e absorvem as particularidades daquele espaço, promovendo uma troca de saberes e experiências que enriquece tanto o processo formativo quanto a prática educativa cotidiana. O teatro, ao operar como uma micropolítica cotidiana, provoca pequenas rupturas e movimentos de re(existência), questionando as formalidades da educação institucionalizada e afirmando o lugar da arte. Esse processo abre espaços que evidenciam a diversidade de saberes e práticas presentes no cotidiano escolar. (Silva, 2019)

Na disciplina de Arte, isso se potencializa, pois os/as docentes têm a possibilidade de facilitar um acesso a uma outra área da sociedade - cultural - que todo/a cidadão/ã tem o direito em acessar¹, mas na maioria das vezes, não acessa

¹ De acordo com o Artigo 125 da Constituição Federal do Brasil, é dever do Estado assegurar o pleno exercício dos direitos culturais para todos os cidadãos, garantindo o acesso às expressões culturais

por inúmeras razões². Por isso, acreditamos ser de extrema importância desenvolver esses diálogos, pesquisando e levando os cursos de Arte para a comunidade, promovendo um intercâmbio de experiências. Ao acessarem a cultura, os sujeitos passam por um processo de entendimento da arte, e consequentemente se tornam consumidores de proposições artísticas, e frequentam espaços culturais da cidade. Para isso, é importante que o/a docente invista em uma alfabetização cultural, validando as referências trazidas pelos/as estudantes e, a partir daí, expandir seus repertórios. Entendemos que a ação docente artística ocupa, na escola, um papel afetivo essencial ao reivindicar que os/as estudantes possam existir e se expressar livremente, valorizando seus saberes e práticas culturais vivenciados fora do ambiente escolar, nas comunidades às quais pertencem. Mas, e quanto ao lugar de resistência?

Neste trabalho, buscamos investigar, a partir dos relatos da autora principal, os cruzamentos potentes que emergem, problematizando o principal desafio da ação docente de arte nas escolas: a polivalência. Assim, a hipótese é que a disciplina de Arte possibilita que os/as estudantes tenham contato com expressões artísticas, tornando-os sujeitos críticos e ampliando vivências dentro e fora da escola, através da apropriação de suas próprias perspectivas de mundo, em corpos e vozes diferentes, sem desconsiderar o papel de resistência do/a professor/a de arte. Paulo Freire (2020) indica que o papel do/a educador/a é dialogar com o/a educando/a, promovendo uma educação não bancária, que rompe com o modelo onde apenas o/a educador/a deposita seus conhecimentos em quem aprende. Por isso, é essencial que os/as educandos/as participem das decisões dos temas a serem trabalhados, a partir de suas próprias percepções de mundo, de suas vivências individuais e coletivas. De acordo com Freire, “já que agora ninguém educa ninguém, como

do país, além de promover e incentivar a valorização e a disseminação das diversas manifestações culturais. (1988)

² Muitas vezes, a população não acessa as produções culturais porque elas estão concentradas nos centros urbanos, sem alcançar as periferias das cidades. Além disso, os preços dos ingressos tornam-se uma barreira significativa. Outro fator importante é a percepção de que consumir arte é algo distante da classe trabalhadora, visto como de 'difícil compreensão', como se esses espaços fossem destinados apenas a pessoas culturalmente letradas.

tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2020, p. 96), sendo assim, é importante que a disciplina de Arte crie esse espaço afetivo para que cada estudante contribua a partir de seus referenciais.

Nesse contexto, não podemos ignorar o papel polivalente exigido do/a professor/a, o que muitas vezes limita o pleno aproveitamento das possibilidades artísticas. Em relação a polivalência, os estudos apontam diferentes perspectivas. Uma delas é a de que a polivalência pode expor apresentar o/a aluno/a diversas concepções acerca da arte, como destacam Cunha e Lima “a Arte por si só é polivalente, apresenta-se por meio de diferentes signos, matérias, técnicas, poéticas. Do tempo ao espaço, do som à cor, do ponto ao movimento, do corpo à tecnologia digital.” (2020, p. 99). Por outro lado, Marques argumenta que a polivalência precariza o trabalho docente, e cria um ambiente de resistência para as áreas de formação, como o capitalismo financeiro que, buscando seus lucros, tenta condensar os profissionais e torná-los múltiplos em suas práticas, uma pessoa capaz de realizar inúmeras tarefas ao mesmo tempo e com muitas especialidades. (2021 p.04)

Assim, define-se como objetivo geral discutir o acesso à arte através do papel do/a docente de arte nas escolas, considerando as questões relacionadas à polivalência, a partir dos relatos individuais da autora principal, artista-professora-pesquisadora. Dentre os objetivos específicos, destaca-se: apresentar relatos individuais enquanto professora em formação do Programa de Residência Pedagógica; apontar e dialogar questões referentes a polivalência na disciplina de Arte nas escolas, enquanto negativas para a troca docente-estudante; discutir sobre a importância da arte como forma de expressão e diálogo para os/as alunos/as; expandir as percepções do acesso à cultura, e o/a professor/a de arte como um facilitador desse processo.

O Programa de Residência Pedagógica desempenha um papel fundamental na formação de futuros/as docentes, oferecendo uma experiência prática e imersiva no ambiente escolar. Ele permite que os/as residentes vivenciem o cotidiano da sala de aula, desenvolvam suas competências pedagógicas e coloquem em prática os

conhecimentos adquiridos na universidade. Além disso, o programa promove a integração entre teoria e prática, contribuindo para a reflexão crítica sobre o ensino e a aprendizagem, e fortalecendo a articulação entre a formação inicial e as demandas reais da educação básica. Com o apoio de professores/as experientes, os/as residentes têm a oportunidade de aprimorar suas habilidades, tornando-se profissionais mais preparados para enfrentar os desafios da docência.

Ao longo deste estudo, juntos e juntas, buscamos aprender em como expandir esses diálogos entre universidade e escola, a fim de validar todos os saberes, e reivindicar nosso lugar na sociedade enquanto docentes de arte, promovendo um acolhimento dos/as estudantes e de suas perspectivas de mundo em uma “solidariedade dos existires”. (Freire, 2020, p.105)

A universidade e a escola se retroalimentam

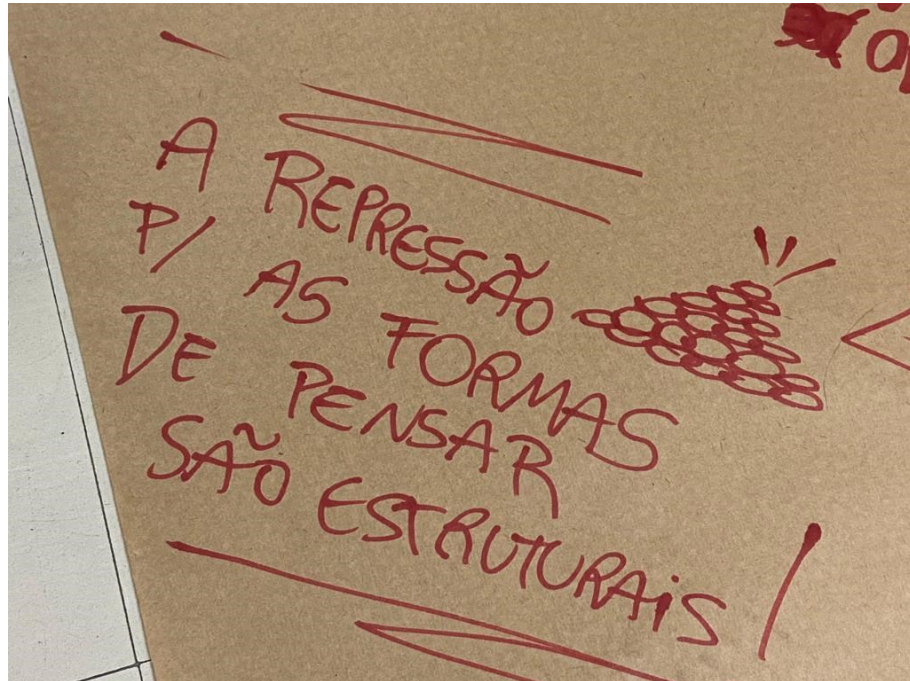
A prática pedagógica ocorreu no Colégio Estadual João Gueno, no município de Colombo, região metropolitana de Curitiba, em turmas de sexto e sétimo ano do ensino fundamental, com estudantes de 10 a 13 anos, às sextas-feiras à tarde (em sua maioria ensolaradas e abafadas!). Durante nossas vivências, contamos com o apoio afetuoso da professora de Arte da escola, Simone Cardoso de Moraes, preceptora do colégio no Programa de Residência Pedagógica. Simone, que também se formou na mesma universidade e curso em que recentemente concluí minha formação³, desempenhou um papel fundamental em nossa experiência. A escola tem uma estrutura pequena, mas possui biblioteca, pátio, quadra e as salas de aula convencionais. Para as aulas de arte, especialmente as de teatro, o essencial é que as escolas tivessem uma sala livre de carteiras que possibilitasse uma maior movimentação pelo espaço. Ou, em um cenário ideal, um auditório com palco ou um espaço cênico que oferecesse condições mínimas de acústica e visibilidade, possibilitando sua exploração tanto pelos estudantes quanto pela comunidade em

³ A experiência relatada e refletida neste artigo resulta da vivência da autora principal, que, à época, era estudante de graduação em Licenciatura em Teatro na Unespar.

geral. Minha experiência foi realizada em conjunto com mais três estudantes residentes: Ingrid da Rocha Cocharski, Maria Eduarda França e Rafaella Beatriz da Silva, que através de muito afeto dividiram o trajeto de ônibus⁴ e as dinâmicas artísticas propostas nas salas de aula. A professora Simone atua como docente há 5 anos na escola, e tem diversas turmas de Arte nos três turnos. Durante a nossa experiência na escola, a professora lecionou o conteúdo de Música para os/as estudantes, uma vez que é obrigatório seguir os conteúdos indicados pela Secretaria do Estado do Paraná - SEED. No entanto, é importante destacar que a SEED não conhece a realidade efetiva das salas de aula, o que compromete a viabilidade e a eficácia do ensino, mesmo com sua formação na área do Teatro. Paralelamente, intensificávamos nosso desenvolvimento acadêmico e artístico por meio de um grupo de estudos dinâmico e colaborativo, realizado às terças-feiras, sob a orientação do professor Dr. Robson Rosseto. Esse grupo não só fomentava discussões aprofundadas sobre teoria e prática, mas também estimulava a produção de novos conhecimentos, potencializando as capacidades críticas e criativas de todos os participantes (Imagem 1). Durante esses encontros, exploramos e discutimos diversos temas relacionados à área teatral, contando com o acompanhamento e a expertise do professor orientador e da professora preceptora para aprofundar nossos conhecimentos e aprimorar nossas práticas.

⁴ É válido ressaltar que a escola era muito longe de nossas casas ou espaços de trabalho, então nos desdobramos para chegar até lá e depois voltar para a faculdade, para aulas à noite, onde carinhosamente a professora Simone, por vezes, nos ajudava com caronas nos trajetos de volta, nas saídas da escola.

FIGURA 1 - Reuniões grupo de estudo/ atividade cartaz



Fonte: acervo pessoal, 2023.

Desembarcamos na escola, a professora nos ensinou como funcionavam suas dinâmicas, e observamos durante algumas semanas as suas aulas. Simone, dividiu a turma em três grupos, baseados em um trabalho que havia realizado no trimestre anterior sobre folclore brasileiro. Desta forma, a turma era organizada de forma atípica, trazendo uma maior responsabilidade em grupo para os/as estudantes, ao se sentirem participantes ativos dentro de seu respectivo grupo. Inclusive, as carteiras eram postas de forma diferente, reconfigurando o espaço da sala de aula, onde o centro da sala ficava vazio, e as carteiras ao redor da sala em formato de “U”, como se formassem uma arena de debates e aprendizados artísticos. De cada extremidade da sala (dois lados e o fundo), formavam grandes grupos de estudantes. Normalmente, a professora explicava o conteúdo utilizando a lousa, apresentando textos e imagens que pudessem contextualizar e explicar mais sobre o que seria feito e depois propunha uma atividade prática. Os/as alunos/as sempre tinham espaços para tirar dúvidas e fazer proposições junto à professora. Rapidamente todos/as criaram um forte vínculo conosco, e aguardavam ansiosamente - e nós também -

nossas regências de aula.

Conforme mencionado anteriormente, o conteúdo abordado era o de música. E foi aí que surgiu nosso maior receio: como poderíamos ensinar um conteúdo de uma área que não era a nossa especialidade? Enfrentamos a questão da polivalência na prática, ainda enquanto acadêmicas. O que antes havíamos estudado na universidade agora se mostrava de forma concreta diante de nossos olhos, revelando-se uma realidade tangível. Como o nosso campus oferece o curso de Licenciatura em Música, a primeira ação foi buscar o apoio dos/as colegas dessa área. Com muito apoio e colaboração, conseguimos obter o auxílio necessário e recebemos recomendações de bibliografias que poderiam nos orientar.

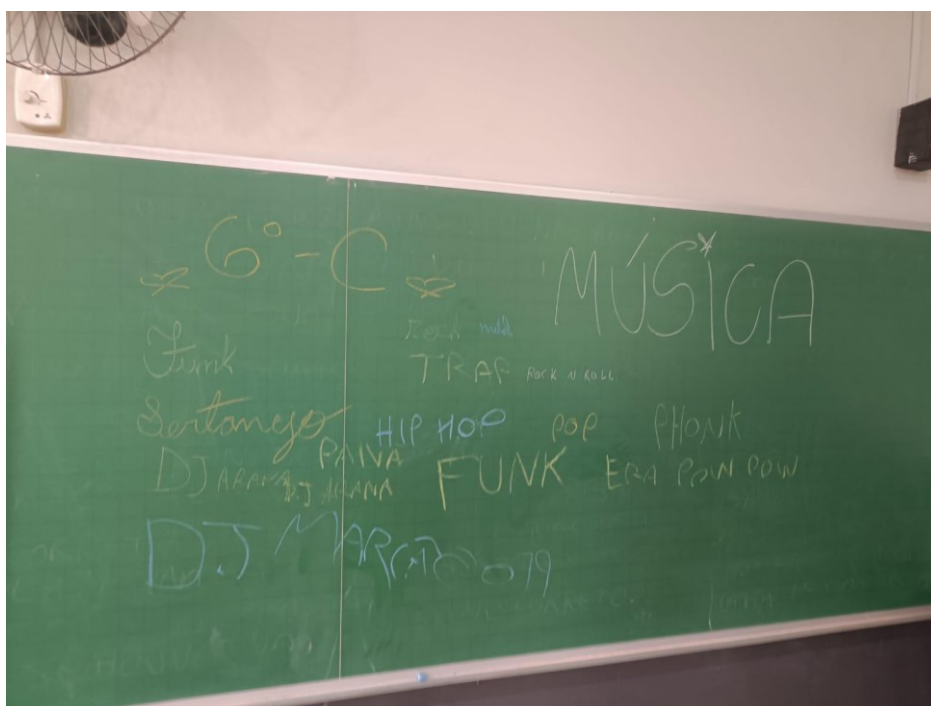
Todos os jogos e as dinâmicas que propusemos estavam fundamentados no conhecimento que realmente estávamos adquirindo na universidade: o teatro. Mesmo o conteúdo principal sendo música, propusemos exercícios que envolvessem o corpo, o espaço da sala de aula e do pátio, e as expressões individuais e coletivas, através da interpretação. O apoio entre as residentes, juntamente com a professora Simone e o orientador Robson, foram essenciais para cruzarmos esses entraves que a educação nos colocou tão precocemente. Nossas reuniões com os/as demais residentes, também eram importantes justamente para compararmos as diferentes vivências em diferentes colégios, pois o nosso era o único que não tinha uma estrutura para que trouxéssemos apenas práticas teatrais, mas sim, conteúdos polivalentes.

Relataremos algumas das experiências que vivenciamos como professoras no Colégio João Gueno. Eu e Maria ficamos responsáveis pelo sexto ano e decidimos propor exercícios baseados nos conteúdos transmitidos pela professora, que abordavam a música, o ruído e o silêncio. Para isso, contamos com apoio da bibliografia sugerida por nossos colegas da área de música, enriquecendo nossas práticas pedagógicas. Na primeira aula, decidimos ouvir dos/as estudantes o que entendiam por música, e, a partir das suas respostas, criamos um quadro de referências que refletia a visão deles/as sobre o que seria música. Retomando Freire, “[...] é na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos, educadores e

povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento desse buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade.” (2020, p. 121)

Assim, pudemos nortear nossas práticas e nossas próprias convenções acerca do conteúdo. Muitos estudantes relataram acreditar que o que consomem não pode ser considerado como arte ou como algo cultural, principalmente em escolas periféricas, públicas e de baixa renda. Proporcionar esse espaço para que eles/as compartilhassem suas percepções foi essencial. Desde o primeiro dia, estabelecemos uma comunicação horizontal, adotando posturas como: “estamos aqui para ouvir vocês” e “tudo que vocês falaram está validado e correto”. Dessa forma, todas as manifestações foram acolhidas, resultando em uma nuvem de palavras, conforme ilustrado na imagem abaixo.

FIGURA 2 - Quadro/Nuvem de palavras



Fonte: acervo pessoal, 2023.

Outras práticas que cruzavam nossa formação em teatro, com o conteúdo com que precisávamos lecionar foram sendo desenvolvidas e muito bem acolhidas

pelos/as alunos/as, uma delas foi a de criarmos com o corpo todo, ambientes pré-determinados, por exemplo: os/as estudantes de cada grupo, vinham à frente da turma, e através da sonoridade criavam uma ambientação, permeando lugares diversos: hospitais, florestas e sala de aula. Se fosse um hospital, quais sons poderiam existir? uma floresta ou um mercado? Assim, criamos um espaço onde todos puderam se expressar e compartilhar suas ideias. Isso, coletivamente, formou um ambiente cênico de comunhão e colaboração entre eles/as.

Por mais que eu e Maria, ficamos responsáveis pelos terceiros anos, acompanhamos muito ativamente nossas colegas Ingrid e Rafaella, com os sétimos anos, onde uma das últimas atividades propostas foi a criação de uma paródia musical, que envolvesse uma lenda do folclore brasileiro estudada. Foi um dos processos mais marcantes que acompanhamos, pois ficou evidente como os/as estudantes trazem consigo bagagens de suas próprias referências culturais e artísticas, e isso deve ser devidamente validado. Na paródia, eles/as traziam ritmos de funk e rap, onde brilhavam com suas vozes, ritmos e corpos presentes. Durante todo nosso percurso, além de validarmos suas experiências que traziam, apresentávamos sempre outras referências, expandindo o repertório dos estudantes. Ou seja, a disciplina de Arte forma o sujeito de maneira crítica, expandindo suas percepções de mundo de forma não cotidiana, impulsionando-o/a a alcançar novos horizontes. Afinal, “compreender a co-existência dos diferentes saberes-fazer dentro da escola, elucida a proposta de uma prática teatral articulada à realidade de cada instituição, entrelaçando saberes formais e cotidianos.” (Silva, 2019, p. 241)

Uma das últimas atividades propostas, em cumprimento aos conteúdos da professora Simone, foi a apresentação dos trabalhos realizados para toda a escola. Percebi o quão importante foi trazermos esse ambiente acolhedor das expressões, para que a apresentação acontecesse de forma tranquila para todos/as. O sexto ano apresentou ambientações sonoras, ampliando o que estávamos desenvolvendo em sala de aula. A turma do sétimo ano apresentou as paródias que estavam criando, e às quais ajudamos e incentivamos que fizessem durante as aulas. A escola inteira, incluindo professores/as, funcionários/as e até o diretor, assistiu ao evento no pátio

da escola (Imagem 4). Foi um encerramento muito bonito, que guardo com carinho na memória, e sinto-me feliz por tê-lo concluído ao lado dos/as estudantes.

FIGURA 3 - Apresentação das/dos estudantes no pátio da escola



Fonte: acervo pessoal, 2023.

A partir da nossa vivência, foi possível extrair muitos aprendizados. No entanto, concluo que a polivalência ainda não se mostra positiva⁵ nos espaços escolares, pois tende a valorizar as disciplinas específicas dentro do campo artístico, comprometendo a profundidade e a qualidade do ensino de cada área. Ora, se existe

⁵ Ou pelo menos dentro dos moldes vistos em nossa experiência. Há possibilidades de investigar a polivalência atrelada a uma interdisciplinaridade, como aponta Cunha e Lima: “Um ensino artístico polivalente sob a perspectiva interdisciplinar, não exige o professor de se especializar em uma determinada linguagem, mas prioriza a necessidade de desenvolver com os alunos uma abordagem artística mais integrativa e a continuidade no estudo das diversas linguagens artísticas.” (2020, p 117). Contudo, destacamos que consideramos a aplicação dessa abordagem difícil na maioria das escolas brasileiras, especialmente nas públicas.

um curso de Licenciatura em Teatro e um curso de Licenciatura em Música, significa que são áreas distintas de atuação docente. Assim como nenhum/a professor/a de química ministra aulas de biologia, a disciplina de arte enfrenta um papel de resistência para continuar existindo nas escolas. De fato, “essa negação da polivalência está embasada no fato de que nenhum professor consegue abranger os conhecimentos das quatro linguagens e isso implica na representação social da arte para a sociedade brasileira. A arte não é pensada como algo produtivo (Marques, 2021, p. 12).

De toda forma, obtivemos resultados significativos de participação estudantil, alcançados por meio de metodologias horizontais que priorizaram a criação de espaços afetivos de escuta, validação e participação. Essas práticas pedagógicas demonstraram a importância de uma abordagem que valorize as vivências dos/as estudantes, promovendo um ambiente acolhedor e propício para o desenvolvimento de suas potencialidades artísticas e culturais. Nesse contexto, acreditamos que conseguimos, de certa forma, facilitar o acesso à cultura e incentivar a expressão livre, ao mesmo tempo em que estimulamos o senso crítico e a autonomia de cada participante.

Essa experiência está alinhada com os apontamentos de Pereira, Cavalcanti e Moreira (2022), que destacam como a articulação entre universidade e escola básica, promovida por projetos de ensino, potencializa práticas pedagógicas capazes de transformar o ambiente escolar. Ao integrar a educação em direitos humanos com as artes, essas iniciativas não apenas valorizam a expressão artística como um instrumento crítico e criativo, mas também ampliam as possibilidades de diálogo entre diferentes saberes, fortalecendo a construção de uma educação mais inclusiva, consciente e conectada às realidades socioculturais dos/as estudantes. Assim, reforça-se o papel da arte como forma de resistência e transformação no contexto educacional, permitindo que os sujeitos envolvidos se reconheçam como protagonistas de suas histórias e das mudanças necessárias em suas comunidades.

Considerações finais

A experiência no Colégio João Gueno foi uma das mais significativas de toda a minha graduação em Licenciatura em Teatro. Aprendi a compreender que, como diria Freire, "[...] somos seres mais além de si mesmos [...] que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte" (2020, p. 103). Em comunhão, vivenciamos trocas de experiências que nos enriqueceram mutuamente. Agradeço profundamente a todos que fizeram parte das minhas sextas-feiras, desde os longos trajetos de ônibus até as salas de aula e o planejamento das atividades. Essa vivência ampliou minha trajetória como artista, professora e pesquisadora, projetando-se na sociedade por meio de diversas formas. Facilitou o acesso à cultura, validou diferentes formas de pensar e expandiu a percepção do sujeito como um vetor transformador do espaço, envolvendo-o em questões sociais que incentivam a defesa, a resistência e a criação de afetos.

No contexto do Programa de Residência Pedagógica, ficou evidente a importância de promover uma educação que valorize o afeto, o diálogo e o respeito às vivências culturais dos estudantes. A prática pedagógica também revelou a relevância do ensino de Arte como um meio crítico e transformador, ao mesmo tempo que expôs os desafios da polivalência, que muitas vezes compromete a especificidade e a profundidade do ensino nas escolas. No entanto, o envolvimento com os/as alunos/as e a colaboração entre professores/as e residentes mostraram que é possível criar espaços afetivos e de resistência, onde a arte desempenha um papel central na formação de sujeitos críticos, capazes de expressar suas próprias perspectivas. O intercâmbio entre universidade e escola reafirma a necessidade de manter o contato com a arte e a cultura na educação, abrindo novos horizontes e fortalecendo a luta pela valorização dessas áreas no currículo escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CUNHA, Solange S. S. da; LIMA, Sonia R. A. A. A interligação da polivalência com a interdisciplinaridade e o ensino integrado das artes. Revista Música, v. 20 n. 1 Universidade de São Paulo, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 73 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

MARQUES, Walter Rodrigues et al. A polivalência como banalização da educação no ensino de arte e políticas públicas: como ser 4 sendo 1? Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 3, p. 29822-29841, 2021.

PEREIRA, Cilene Margarete; CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias e TOLEDO, Edilaine Gonçalves Ferreira de. Educação em direitos humanos, artes e extensão universitária: um relato de experiência na educação básica. Revista de Ciências Humanas, v. 23, n. 3, 7-25, 2022. DOI:10.31512/19819250.2022.23.03.07-25.

SILVA, Renata Patrícia. Para pensar a escola como espaço teatral: o teatro como ação tática no/do cotidiano. Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 36, p. 235-248, 2019. DOI: 10.5965/1414573103362019235.